

Sobre Cinema e Televisão e a Educação da Alma

Acir Dias da Silva (UNIOESTE, Cascavel, PR)

Resumo: Nesta comunicação, está presente o desejo de compreender a invenção da moralidade cristã e suas reverberações na educação da alma por meio do cinema e da televisão. Falaremos sobre os estilhaços da cultura anterior, sentidos até mesmo nos grandes movimentos estéticos e éticos ocorridos na modernidade, indicando que tais rupturas, por mais ousadas que sejam, conservam alguns ícones que persistem na atualidade. Falaremos da invenção de uma moralidade, em que as imagens do cinema e da televisão são imbuídas de uma intencionalidade profunda: são imagens agentes nas quais o sujeito se esquia em busca de aprofundamentos. Para tanto, partirei da “animação” dos “fragmentos” das epístolas bíblicas de Paulo de Tarso, conhecido por reinventar e difundir o Cristianismo no ocidente, e apontarei o deslocamento de suas mensagens para as telas do cinema e da televisão. Abordarei seus mitos e alegorias, tensões, desejos e materializações que transformam as “imagens míticas hebraico-cristãs” em imagens atuais, tanto nas formas plásticas quanto nas literárias.

Palavras-chaves: cinema e televisão, cultura, memória, educação.

Na contemplação das imagens, tanto da pintura como das camadas espessas de luz e sombra do cinema, há significações e cada um as vê de acordo com um repertório de memórias e afetos muito próprio, em conformidade com seu entendimento pessoal, ético, estético e político. Tais projeções luminosas são captadas por uma infinita rede de fibras nervosas dos nossos olhos, ou seja, as imagens revelam-se em luz e volumes, e adentram os cones dos nossos olhos. A partir dessas informações, portanto, há uma conjunção de imagens, uma imitação estilizada das ações humanas de personagens centrais de nossa cultura: o bom exemplo, as virtudes e os vícios. Tons, cores e linguagens realçam detalhes espirituosos que a tragédia e o drama, expressos nas telas do cinema, narram de forma quase eterna, em diferentes tempos e épocas. A imitação estilizada em diferentes técnicas materializa-se nas ações dos personagens – retratos e narrativas alegóricas de um sistema político condutor da piedade e temor –, e realiza a purgação das emoções dos personagens e espectadores somente pela transferência, projeção e identificação – luz.

No circuito conecto das temporalidades das imagens do cinema, ora ocultado, ora revelado, os estilhaços em movimento, luz, cor e som, seja em imagem visível, seja nas mensagens de sentido moral, político e estético, trazem uma rede de enunciados encontrados somente nas formas, instaurando mitos por meio de imagens e locais memorísticos. Tais referências expressam uma crise de transparências, pois o mito não possui aquela força integral de outras épocas de nossa história, e dentro dessa mesma crise é recuperado como expressão pictórica de sistema político. Talvez, no imenso mar de significados dos livros dos *Atos dos Apóstolos*¹, podemos encontrar sinuosidades sobre as raízes das imagens agentes e do programa visual do cinema.

¹ BÍBLIA Sagrada de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1994, p. 2041-2104.



Virtudes e vícios, Lorenzo Lotto, 1516-18. Óleo sobre tela, 690x360cm.

São Paulo tornou-se fundador da religião cristã e converteu preceitos morais, cujas conseqüências amiúde confundem a mente por inúmeras obscuridades. Nesse sentido, dificilmente podemos realizar uma construção unitária sem conhecer antes e sumariamente, cada gênero dos primórdios do Cristianismo, e, por assim dizer, alguns princípios certos da função de uma fé. As cartas de Paulo, na condição de escritos ocasionais, não oferecem um quadro sistemático e exaustivo de uma teologia primitiva. Essas cartas ou epístolas – da palavra grega *Epístola*, significando missa, carta, missiva – foram escritas não para um povo ou uma cidade, mas para uma civilização. Os *Atos dos Apóstolos*, por sua vez, narram os feitos dos apóstolos – donde a denominação do livro – nos primórdios da fé cristã entre os pagãos, representando a história da igreja nascente. Esses textos outorgam tradições, nas quais podemos ter parciais identificações com a educação visual do cinema. Ao ler e perceber o acenar de imagens do passado no presente, percebemos também a inserção de novas e velhas temporalidades culturais e artísticas que persistem, incomensuráveis, nos códigos de interpretações artísticas e culturais. Essa idéia afasta de imediato a pretensão de qualquer acesso a uma identidade original, pois estamos estabelecendo determinadas interações simbólicas – tecidos de ligação e linhas que entrelaçam tempos nos interstícios das imagens da memória. Além. O

passado é uma incógnita e é irrepresentável². Na distância temporal, ultrapassar as barreiras, fronteiras e limites da cronologia. O presente não é simplesmente uma ruptura com o passado – uma descontinua persistência desconexa e deslocada.

As imagens agentes, em seu movimento interno, aparecem iguais para todos e estabelecem ligações comunicativas, potencializam-se, juntam-se àquilo que está aparentemente separado e incorporam-se também àquilo que já foi visto e é facilmente reconhecido na lembrança de uma civilização. Revelam-se as diferenças psicológicas interiorizadas ora em desejos eróticos, ora em patologias desconhecidas por aquele que assiste ao filme ou contempla uma tela. Nesse caso, podemos perceber e estabelecer interligações de uma luta tensa entre o tratamento dado ao material visual e as condições visuais psicológicas que orientam a montagem do filme para que todos enxerguem e sintam as mesmas emoções naquilo que está sendo projetado – inscreve-se a política em imagens e sons do programa visual do filme e também do capitalismo vigente. O tempo e a memória recolhem e filtram representações...

O tempo e a memória incorporam-se numa só entidade; são como os dois lados de uma medalha. É por demais óbvio que, sem tempo, a memória também não pode existir. A memória, porém, é algo tão complexo que nenhuma relação de todos os seus atributos seria capaz de definir a totalidade das impressões através das quais ela nos afeta. A memória é um conceito espiritual. (TARKOVSKI, 1990, p. 64).

Jamais detemos a história – o espaço e o tempo. O entendimento do tempo para o homem atual corresponde à abstração do espaço. O espectador de imagens cinematográficas é alguém que busca o tempo perdido. No cinema, no entanto, a passagem para a ordem simbólica, materializada na projeção do filme ocorre através do preenchimento dos espaços vazios que estão acomodados em relação lógica, temporal. Os elementos visíveis responsáveis pela significação estão fora da tela. E no movimento contínuo de intervalos espaciais e temporais, ocorrem ações no interior daquilo que é mostrado³. Nestes espaços aparentemente vazios, vêem-se em ação “imagens agentes”, “imagens motoras”, que não são modelos matemáticos algébricos. São imagens em movimento interno, cujo alcance e abrangência é maior do que aquilo que foi mostrado no presente da exibição. Às vezes, o conhecimento padronizado das ciências tende a purificar o que é significativo e artístico na linguagem das imagens. As imagens agentes, motoras possuem, em seu interior algo que remete ao mundo da memória ontogenética. Esses “modelos” pré-formados numa educação ora institucionalizada, ora laicizada, no interior do sistema sócio-político e científico, ordenados e reordenados, expressam, assim, um coletivo transfigurado de emoções, tragédias e dramas imbuídos de animação formadora. É claro que estamos falando de uma memória que se manifesta de forma universal e coletiva. Essas imagens são potencializadas na consciência coletiva e desempenham papel agente-motor, possibilitando, assim, a transfiguração, ou mesmo a reprodução de imagens semelhantes, ou imagens aparentemente análogas. São imagens emblemáticas – figuras visíveis, adotadas, convencionalmente, para representar idéias, tanto de seres físicos como morais.

O cinema e a televisão são produtos para a sociedade de massas, que trazem com maior frequência imagens em forma humana; o rosto, a face, expressões e gestos que fazem parte da educação contemporânea da memória. Os significados das imagens agentes, com efeito heróico em determinadas situações – virtudes e vícios expressos pelo esvaziamento histórico em seres abstratos – exprimem, com precisão, algumas diferenças fundamentais. Entretanto, essas imagens operam quase que racionalmente nos intervalos dos filmes. Entender o papel desempenhado pelas imagens agentes não implica a passagem para um novo plano do ser e nem uma nova profundidade de consciência; é a figuração em um mesmo nível de consciência, daquilo que já pode ser bem conhecido de outra maneira. Já o símbolo anuncia um outro plano de consciência que não o da evidência racional: é a chave de um mistério, o único meio de se dizer aquilo que não pode ser compreendido de uma outra forma, jamais é explicado de modo definitivo e deve sempre ser decifrado de novo, do mesmo modo que uma tela de pintura jamais é decifrada definitivamente e exige sempre uma nova interpretação a partir do momento presente da contemplação.

² BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p. 23.

³ XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 14.

Entre as outras almas, aquela que segue melhor o deus e se lhe assemelha, endireita a cabeça de seu cocheiro em direção ao espaço além do céu. O movimento circular o transporta, mas atrapalha por seus cavalos, ela tem muita dificuldade em fazer com que seus olhos vejam os objetos reais. Outra, logo que se alça, logo se agarra, seus cavalos seguros na mão, percebe certas realidades, mas outras lhe escapam. As outras almas, que aspiram todas a se elevar, vêm em seguida, mas sua fraqueza fá-las sucumbir no turbilhão que as leva, retardam umas às outras, empurram-se, cada uma tentando ultrapassar a outra. O tumulto, a rivalidade, o esforço violento estão no auge, e aí, pela culpa dos cocheiros, muitas das almas são estropiadas, e muitas têm suas asas fortemente estragadas. Mas todas, a despeito de seus esforços, distanciam-se sem ter atingido a contemplação do ser, e desde então, têm a opinião por alimento. Razão deste grande esforço para ver onde está a Planície da Verdade, é porque a pastagem que convém à melhor parte da alma é tirada da campina que aí se acha, e a asa, à qual a alma deve sua leveza, deve daí tirar aquilo que nutre. (PLATÃO, 1992, p. 5).

O ato de dispor e dobrar a alma de modo que se torne inteligível e acolhedora da luz da divindade em revelação, e uma inspiração e iniciações ao universo verdadeiro. A individualidade da alma manifesta-se em tudo o que ela faz, pois a alma é vital em si e contém formas materializadas no corpo. Porém, antes, é um veículo associado à fantasia. Corpo, alma e mundo são constituídos por uma intensa luz que jorra antes mesmo do nascimento do sol e do céu. Admite-se que essa luz é o grande carro das almas e é anterior ao surgimento do homem e de sua degradação. Tal luz camufla em revestimentos, numa escala de emanações sucessivas de graus decrescentes da perfeição: Deus, anjo, alma, quantidade equivalente à forma e matéria. Os primeiros dois graus e os últimos dois são claramente distintos entre si, como o mundo inteligível e o mundo físico, ao passo que a alma representa elementos de conjunção inseparável: tem características do mundo superior do bem, mas, ao mesmo tempo, está ligada ao corpo, por meio do qual o homem é capaz de vivificar o mundo inferior.

A representação pictórica das virtudes e dos vícios recolhe heranças advindas do paganismo grego-romano, das religiões e crenças recalcadas pelo poder oficial político, do Antigo Testamento e do Judaísmo, mas funda-se, sobretudo, nos Evangelhos e no Novo Testamento em geral, principalmente nos *Atos dos Apóstolos*, a partir da conversão de Paulo de Tarso⁴.

⁴ Nasceu em Tarso, era judeu e cidadão romano. Perseguidor das primeiras comunidades cristãs, foi conivente com o assassinato do protomártir Estevão. Quando perseguiu cristãos, a caminho de Damasco, apareceu-lhe Jesus Ressuscitado, transformando-o. Desde então, sua vida consistiu em viajar pelo mundo, pregando o evangelho de Jesus Cristo e o chamado mistério de sua paixão, morte e ressurreição. A conversão de Paulo é uma das mais importantes da história da Igreja ocidental. Mostra-nos o poder virtuoso de Jesus, capaz de transformar Saulo, perseguidor da Igreja, em Paulo, o "Apóstolo" por excelência, que tem a iniciativa da evangelização dos pagãos. Ele próprio confessa, por diversas vezes, que foi perseguidor implacável das primeiras comunidades cristãs. E, por essa razão, atribui a si mesmo o título de "o menor entre os Apóstolos" e, ainda, de "indigno de ser chamado Apóstolo". Mas Deus, que conhecia a sua retidão, tornou-o testemunha da morte de Santo Estevão, cena entre todas comovente, descrita nos *Atos dos Apóstolos*. A visão de Estevão apontando para os céus abertos e para o Filho do Homem, o Cristo, aí reinando, domina a vida toda de Paulo, o grande missionário do Cristianismo. Paulo percorreu a Ásia Menor, atravessou todo o Mediterrâneo em quatro ou cinco viagens. Elaborou uma teologia cristã e, ao lado dos Evangelhos, suas epístolas são fontes de todo pensamento, vida e mística cristãs. Justificando as grandes e contínuas viagens apostólicas que realizou e as prisões e sofrimentos por que passou, Paulo se autodenominou "servo de Cristo", propagador da revelação da mensagem salvacionista e messiânica – tal pensamento é traduzido pelas suas catorze epístolas ou cartas. Elas formam como que a Teologia do Novo Testamento, exposta por um Apóstolo. Dotada de forte e convicta fundamentação retórica, o conjunto de textos constitui o códice da fé em Cristo, presente tanto na História como também em nossa própria existência. O Apóstolo dos gentios sofreu o martírio em Roma. O ano é incerto, mas deve ter ocorrido entre 64 e 67 depois de Cristo. Nas festas litúrgicas, duas solenidades celebram São Paulo. A primeira, em 25 de janeiro, foi instituída na Gália, no século VIII, para lembrar a conversão do Apóstolo, e entrou para o calendário romano no final do século X. A segunda, em 29 de junho, lembrando o seu martírio juntamente com o do Apóstolo São Pedro, foi inserida no santoral (livro dos santos da Igreja Católica) muito antes da festa do Natal; consta que havia, desde o século IV, o costume de celebrar nesse dia três Missas: a primeira na Basílica de São Pedro, no Vaticano, a segunda na basílica de São Paulo, fora dos Muros, e a terceira nas catacumbas de São Sebastião, onde as relíquias dos dois Apóstolos tiveram de ser escondidas por algum tempo para protegê-las da profanação. Observa-se um eco deste costume no fato de que, além da missa do dia, é previsto um formulário para a Missa vespertina da vigília. Depois da Virgem Maria, são precisamente os Apóstolos Pedro e Paulo, juntamente com São João Batista, os santos comemorados mais frequentemente e

O Cristianismo é uma religião de salvação: a preocupação dos homens com a pós-morte sempre ocupou lugar essencial nos escritos bíblicos e missões evangelizadoras. Tais cuidados não concernem somente à preparação das pessoas no presente, mas também à localização de suas vidas futuras. Ao professar a ressurreição dos corpos, cujo modelo e garantia é a ressurreição de Jesus após a morte terrestre na cruz, o destino da humanidade ressuscitada não depende apenas da vontade de Deus Todo-Poderoso, pois este respeito às regras fixou-se, fazendo a situação dos homens e mulheres no Além depender de como se comportaram durante sua vida terrena. Um sistema binário distingue e opõe locais e imagens: um lugar de delícias – o Paraíso – destinado à permanência eterna dos “bons”, e um lugar de suplícios – o Inferno – onde os “maus” são condenados a permanecer, também eternamente. No fim dos tempos, um julgamento final, presidido por Cristo, deve enviar, de forma definitiva e por toda eternidade, os bons para o Paraíso e os maus para o Inferno. A oposição entre os lugares do Além e seus habitantes é, fundamentalmente, atestada pelos evangelhos e pelo Antigo Testamento. Dentre os três Evangelhos ditos “sinóticos”, a versão de Mateus⁵ diz que, depois do Juízo Final, no fim do mundo, Cristo fará os bons e os justos sentarem-se à direita e maus à sua esquerda. É nesse sentido que os evangelhos e cartas criam um novo código de civilização.

O cinema reinterpreta imagens de uma tradição e instaura novos significados, ou seja, coloca o espectador em contato com novas e velhas temporalidades. Na verdade, nesse jogo, há transformação e transfiguração da própria imagem advinda tanto do arsenal de mitos pagãos como de alegorias do mundo cristão. O cinema é um espetáculo cristão, cuja expressão maior está na redenção dos personagens e na valoração política e econômica potencializada em cada cena. A fronteira do passado com o presente deve ser vista não como um *continuum* de tempos que se repetem, mecanicamente, na atualidade das imagens do cinema e da televisão, mas como uma fronteira a ser explorada, escavada, significada e traduzida na contigüidade de entretempos, entre imagens e também da nossa necessidade de viver e não apenas lembrar nostalgicamente. Os interstícios culturais expressos nos *Atos dos Apóstolos* introduzem a invenção moral e existencial. Introduzem, de certa forma, interações e re-criações de uma nova moralidade deslocada e acomodada numa nova ordem. Quanto à ordem das narrações apostólicas, aqui se deve notar, sobretudo, que a ordem narrativa das falas inscritas não é natural e nem contínua, pois, amiúde, alinham-se fatos e acontecimentos posteriores e anteriores, inscritos fora do próprio documento, da mesma forma que ocorre quando, no discurso cotidiano, após ter contado alguns fatos, volta-se, de improviso, a fatos anteriores, como se se narrasse os seguintes. Frequentemente, o texto conecta entre si também coisas distantes num longo intervalo de tempo como se sucedessem imediatamente uma à outra, de modo a parecer que nenhuma distância de tempo tenha separado coisas que nenhum intervalo do discurso separa.

Nas imagens agentes presentes dentro do plano e intervalos, a religião cristã apresenta-se como foco central, mas, ao mesmo tempo, incorporam-se outras tradições, mapeadas dentro da própria história, como uma missão evangelizadora do consumo, cuja operação mais óbvia é transformar as ruínas ainda não colonizadas pelo capitalismo, em território estandardizado do vencedor; assim, apagam-se as marcas da história. Roubam a alma. Marsílio Ficino admite uma alma do mundo, almas das esferas celestes e almas dos seres vivos, mas é, sobretudo, para a alma

com maior solenidade no ano litúrgico. Por muito tempo se pensou que 29 de junho fosse o dia em que, no ano 67, Pedro, na Colina Vaticana, e Paulo, na localidade agora denominada Três Fontes, testemunharam sua fidelidade a Cristo com o derramamento do sangue. Na realidade, embora o fato do martírio seja um dado histórico incontestável, e está, além disso, provado que aconteceu em Roma durante a perseguição de Nero, é incerto não só o dia, mas até o ano da morte dos dois apóstolos. Enquanto para São Paulo existe uma certa concordância entre testemunhas antigas indicando o ano de 67, para São Pedro há muitas discordâncias, e os estudiosos parecem preferir agora o ano de 64, ocasião em que, como atesta também o historiador pagão Tácito, “uma enorme multidão” de cristãos pereceu na perseguição que se seguiu ao incêndio de Roma. Parece, também, que a festa do dia 29 de junho tenha sido a cristianização de uma celebração pagã que exaltava as figuras de Rômulo e Remo, os dois mitos fundadores da Cidade Eterna. São Pedro e São Paulo, embora não tenham de fato sido os primeiros a trazer a fé a Roma, foram realmente os fundadores da Roma cristã: um antigo hino litúrgico definia-os como pais de Roma; um dos hinos do novo breviário fala de Roma que foi “fundada em tal sangue”. A palavra e o sangue são a semente com que os Apóstolos Pedro e Paulo, unidos com Cristo, geraram e geram a Roma cristã e à Igreja. (Fontes: VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea*: vidas de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.513-528. FABRIS, Rinaldo. *Paulo*: apóstolo dos gentios. São Paulo: Paulinas, 2001.).

⁵ Evangelho Segundo São Mateus 25, 31-46, in: BÍBLIA Sagrada de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1994, p. 1887).

racional do homem que ele dirige seus interesses e reflexões. O lugar medial da alma é o terceiro, pois percorre os cinco graus da hierarquia do real de baixo para cima. A natureza e a alma são semelhantes e parecem necessárias às ordens do mundo. Depois de Deus e do anjo, que não são divisíveis nem segundo o tempo nem segundo a dimensão, e acima do corpo e da qualidade, que se dissipam no tempo e no espaço, cumpre o papel de meio-termo adequado: um termo que seja de certo modo dividido pelo decurso do tempo, mas não seja dividido pelo espaço. É a alma que se insere entre as coisas mortais sem ser mortal, porque se insere íntegra e não dividida, assim também íntegra e não dispersa se retrai. E como ela reage aos corpos, mas também adere ao divino, é senhora dos corpos, não companheira. Esse é o milagre máximo da natureza. As outras coisas que estão sob Deus, cada qual em si mesma, são entidades singulares: ela, porém, é singularmente todas as coisas. Ela tem em si a imagem das coisas divinas, das quais depende, mas também as razões e os exemplos das coisas inferiores, que, de certo modo, ela própria conduz. Fazendo-se intermediária de todas as coisas, possui as faculdades de todas as coisas. E, sendo assim, ela perpassa todas. Mas, como é a verdadeira conexão de todas, quando migra para uma não deixa a outra, mas migra de uma para outra sempre conservando todas, de modo que pode ser justamente chamada de centro da natureza, a intermediária de todas as coisas, a corrente do mundo, a fisionomia do todo, o núcleo e a cúpula do mundo.

Ainda que gostem de corpos dos corpos, as almas e os anjos não amarão propriamente a eles, mas a Deus neles: nos corpos amaremos a sombra de Deus, nos anjos a imagem de Deus, nas almas a similitude de Deus. Assim, no tempo presente, amaremos Deus em todas as coisas, de modo que, em última análise, amamos as coisas nele. Sendo assim, vivendo desse modo, chegaremos àquele grau em que veremos Deus e todas as coisas nele. Nós o amaremos em si e todas as coisas nele: desse modo, dando-se tudo a Deus com caridade no tempo presente (...) Porque volta-se à sua idéia, pela qual se foi criado. E aí será de novo reformado, se alguma parte de si lhe faltasse; e, assim reformado, estará unido à sua idéia na eternidade. Quero que saibas que o verdadeiro homem e a idade do homem são um todo único. Entretanto, na terra, nenhum de nós é verdadeiro homem enquanto estamos separados de Deus, por que estamos afastados de nossa idéia, que é a nossa Forma. E a ela seremos reduzidos pelo divino amor, com uma vida pia. Certamente, aqui, à nossa idéia, retornaremos íntegros, de modo que ficará aparente que nós primeiro amamos Deus nas coisas para depois amar as coisas nele e que nós honramos as coisas em Deus, sobretudo para nos recuperarmos – e, amando Deus, amamos a nós mesmos. (FICINO, 1990, p. 73-74)

Remete ao mundo virtuoso do bem – Deus – e aos cuidados para com a alma e com o corpo. O corpo providente. Significa colorir o luminoso, purificador da própria alma, cada um de cada um. Ocorre, a partir do instante em que a alma ultrapassa os sentidos e conquista o mundo inteligível, espiritualmente espiritual, mergulha nele como algo co-natural. A alma é um revestimento dotado de sensibilidade: ouve e vê, crê. Uma mistura do bem e do mal, tão presente no orfismo grego⁶. Na cultura cristã, esse culto transformou-se em culpa e a punição de um indivíduo no cerne da doutrina que lhe fora ensinada e propagada a partir dos *Atos dos Apóstolos*. Na transmigração das almas, o

⁶ Essa voz interior é, às vezes, denominada como imaginação e está submetida à alma. Em Marcilio Ficino, ralaciona-se à adivinhação, à intuição e à inspiração: a Arte do Êxtase (*ex stasis*, termo grego que significa literalmente "ficar fora", "libertar-se" da dicotomia da maior parte das atividades humanas). Êxtase é o termo exato para a intensidade de consciência que ocorre no ato criativo. Não é algo irracional: é supra-racional, une o desempenho das funções intelectuais, e as camadas espiraladas da alma e suas emoções em liberação. É a experiência com o luminoso, a contemplação do todo, a unidade, o encontro. A intensidade de consciência é potencializada, e ocorrem criações e passagens para novos estados da própria consciência, envolvendo a liberação das memórias tanto ontogénética quanto filogenética. Eliminam-se as separações entre corpo e alma, alargando-se as fronteiras da consciência humana, levando a pessoa à criação de novos significados de algo que ainda não percebia. A alma que abandona o corpo para realizar uma migração, seja no sonho, seja na experiência extática, está presente na cultura xamânica. Também podemos identificar essa experiência em várias passagens da peça teatral *As bacantes de Eurípides*, em que se percebem as experiências ascensão ao numinoso do personagem Dioniso. As experiências do êxtase são chamadas de experiências "extáticas" e estão associadas às declarações proféticas, principalmente às revelações de segredos de oráculos. Pressupõe a exaltação corporal. Dioniso, o deus nascido duas vezes, e o transe gerado pelo vinho anunciam a propagação do estranhamento e da boa nova – ensina à humanidade as coisas do céu e da terra, assim vivencia estados de consciência supra-reais. A iluminação parece produzir uma remodelação dos estados da percepção – cria novas significações às imagens aparentemente acomodadas no mundo da memória, transpondo-os e religando a outros signos ainda não percebidos. (Texto meu, produzido a partir de várias leituras de Carl G. Jung – *Obras completas* – e também do *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Allain Gheerbrant).

corpo encarna a pureza ritual e moral como único meio capaz de lhe dar a libertação final para entrar na vida dos bem-aventurados, e a purificação coincide com o processo de elevação ao conhecimento do inteligível. A luz. O bem. Deus. Especula-se que o veículo da alma é o corpo, que desce do céu, a partir do nascimento, pelos sete céus planetários, para realizar o carma. Trata-se do órgão das percepções oníricas e das inspirações divinas, no qual também se assume a forma de demônio interior ou interlocutor invisível.

O tempo: passado-presente-futuro. Presente, secularmente, na memória coletiva, usada e reusada, tornou-se a matéria visível de uma Virtude, um conceito moral em disposição política para qualquer poder que queira dela fazer uso. Materializa a virtude – uma alma em movimento interno ascendente, e será a partir dessa encarnação técnica naturalista, realista, que a virtude movimenta-se pelos corpos humanos dos espectadores. As personagens representam a virtude do bom e do mau exemplo. Expressam em si a transmigração da alma. Representam em si as virtudes que cada cidadão deve cultivar. Se entre os deuses, em seus atos injustos, violentos, viciosos, a união parece impossível, isso não importa, pois a culminância da cerimônia de ascensão leva ao contato com os atributos substanciais do mito: a ordem, o alinhamento, a vida terrena e todos princípios de individualidade e santidade conjugados num mesmo instante. E, inversamente, a geometria perfeita dos três planos temporais, dos espaços, na disposição uniforme dos participantes, transformando-se numa revelação do sagrado.

O Cristianismo primitivo era o movimento de convertidos. Isto é, os cristãos pensavam em si mesmos como um povo que mudara de vida, passando de um estado para outro, profundamente – nesse sentido, inscreve-se a ascensão econômica, política e ideológica. A conversão – passagem de um grupo religioso para outro – implica a aceitação de novas atitudes morais diante do mundo. Tal potencial aparece já no mais antigo documento cristão que temos, a primeira carta do apóstolo Paulo aos Tessalonicenses⁷. Esta é uma carta de conselhos morais, visando a reforçar uma variedade de significados que Paulo ensinara aos novos cristãos de Tessalônia sobre o comportamento e atitudes adequadas a um povo que fora “escolhido” e “chamado” por Deus. Logo no início, como um bom político missionário, Paulo dirige saudações ao povo que recebeu o evangelho e seus mensageiros cristãos. A conversão pressupõe que os Tessalonicenses mantenham-se firmes na fé: Paulo os encoraja a perseverarem no novo método de vida que assumiram. Os escritos epistolares prosseguem com advertências e conselhos paternais transmitidos por Paulo, Silvano e Timóteo, na época de suas conversões, para levar vida digna de Deus, que chama ao seu reino e à sua glória⁸. Assim, os primeiros escritos cristãos subsistem e desejam fundamentar as sensibilidades morais de seus leitores na conscientização do fato de terem se convertido a uma nova moralidade. Curiosamente, indagamos sobre a vitória e os meios utilizados pelos defensores da fé cristã sobre as demais manifestações religiosas já estabelecidas no mundo ocidental.

É verdade que uma visão mais ampla das imagens do cinema, liberta de toda visualização literal, pode resultar em expressão totalmente contraditória daquilo que realmente se vê. Sabe-se das estratégias da linguagem, incorporações e ocultamentos significativos presentes na fratura cultural não explícita em narrações emblemáticas. Detecta-se o caráter descontínuo das imagens mitológicas inscritas em política e estética. As imagens agentes, no cinema, preenchem os intervalos temporais e espaciais de representações e significações. Nessa direção, exprimem desenhos narrativos da luz e som que, portanto, não são nem verbais, nem plásticas, mas puramente intelectuais e políticas. Da mesma forma, as construções complexas, em que uma idéia é traduzida por um emblema, sua sentença, um poema, um comentário e um personagem, se possível, uma outra idéia num local diferente – por exemplo, religioso, se o sentido óbvio é erótico, ou moral, se o sentido é dramático ou melodramático – servem para tornar visível a idéia em relação a qualquer formulação artística. Nessa perspectiva, destaca-se que todas as imagens são idênticas em sua fonte e concepção; o que difere são as roupagens.

As cartas de Paulo de Tarso são documentos iniciais desta reflexão – não porque podemos imaginá-los como modelo típico dos pensadores cristãos do primeiro século e certamente não porque alguém pense que seus escritos sejam simples, claros ou consistentes. Percebe-se uma certa assimetria entre virtudes e vícios do início do Cristianismo para momentos posteriores. Ou melhor,

⁷ Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 1, 1-9, in: BÍBLIA Sagrada de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1994, p. 2217.

⁸ Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 2, 12, in: BÍBLIA Sagrada de Jerusalém (1994, p. 2218).

tais terminologias nem figuravam nas discussões; talvez, no início, as imagens fossem imbuídas de valores, miméticas, sobrepostas e relacionadas ao mundo natural. As imagens querem representar objetos existentes, inexistentes ou objeto nenhum; são sempre afirmativas do mundo das virtudes e vícios. A imagem de Jesus – a que mudou a história do mundo – era profundamente impregnada da identificação com aquele que quis servir. As cartas aos tessalonicenses, do ponto de vista moral, já mostram que os atos que praticamos são considerados bons ou maus. A constante ênfase na repetição e na prática do ato evangelizador reverbera na voz de Paulo, pois este insiste na criação de novos hábitos. A repetição de um ato bom transforma a prática noutros hábitos; então, dizemos que a pessoa adquiriu a virtude referente àquele ato. Justificam-se, assim, as recomendações de santidade e de vida e amor: “Pois conheceis as instruções que vos demos da parte do Senhor Jesus”⁹. Em uma linguagem carregada de emoções, Paulo lembra suas próprias experiências frente ao mundo. Por todo o texto, há elementos da retórica pagã.

Ao que parece, foi ele favorecido e assistido, de modo efetivo, pelas causas seguintes: I. O inflexível zelo e, se nos é permitido usar tal expressão, a intolerância dos cristãos – derivada, em verdade, da religião judaica mas purificada pelo espírito acanhado e anti-social que, em vez de atrair, dissuade os gentios de abraçarem a lei de Moisés. II. A doutrina de uma vida futura, valorizada por toda e qualquer circunstância ocasional que pudesse dar peso e eficácia a essa importante verdade. III. Os poderes miraculosos atribuídos à igreja primitiva. IV. A pura e austera moralidade dos cristãos. V. A união e a disciplina da república cristã, que formou aos poucos um Estado independente que se desenvolveu no coração do império romano.(GIBBON, 1989, p. 195).

Na carta há, também, elementos especificamente judaicos que referendam lições apreendidas de gerações de judeus, os quais se preocupavam em manter sua integridade como povo especial de Deus em cidades pagãs. Os autores, como os moralistas judeus, insistem para que os tessalonicenses imitem os modelos pessoais. A palavra virtude vem do latim *virtus* e engloba as boas qualidades e os bons hábitos diante de uma civilização; hábito que facilita a prática de atos moralmente bons: força, coragem, lealdade, fé. Neste caso, agradar a Deus está no centro da descrição de Paulo e seu próprio comportamento é apresentado aos leitores como modelo. Numa sociedade em que o amor da honra era talvez a mais importante sanção para a moralidade pública, a negação de glória aos homens pela glória de Deus é particularmente aguda. Sendo assim, também se evidenciam crenças num julgamento iminente do mundo – tão característico do pensamento apocalíptico judaico. Ao reforçar a prática das virtudes através dos bons hábitos da fé, caridade, etc., admite-se o mau hábito, o vício, a danação, os infernos, que serão conferidos por Deus, a quem se deve servir e agradar. Pressupõe o julgamento final para todos, que deverão enfrentar a ira futura de Deus. Como é tão freqüente na literatura apocalíptica, as imagens escatológicas são referendadas para distinguir os membros da comunidade, filhos da luz e filhos das trevas. A advertência é para os integrantes da comunidade empenharem-se na construção de boas virtudes e hábitos que os ajudarão a serem melhores, mais humanos, mais perfeitos, autênticos cristãos. As virtudes cristãs devem servir politicamente como um anteparo ao exercício do governante.

Mesmo assim, a forma quase sectária dos primeiros cristãos aparece nas cartas aos tessalonicenses, revelando a distinção paradoxal. Desde a primeira carta enviada à Igreja de Tessalônica, Paulo afirma, sem pestanejar, que participa do pleno direito da função de autoridade do grupo que ele chama de “apóstolos de Cristo”¹⁰. Paulo fundamenta essa certeza no fato de ser “chamado”, “escolhido”, com referências mais ou menos explícitas à iniciativa gratuita e eficaz de Deus. O seu chamado ou sua investida apostólica coincide com a experiência de Damasco. Paulo se considera apóstolo porque viu o Senhor. Cristo ressuscitado apareceu a ele do mesmo modo que aos outros apóstolos. A carta utiliza-se da clássica divisão entre o bem e o mal, e podemos perceber claramente as quatro virtudes cardeais: prudência, justiça, fortaleza e temperança. Esse documento oferece um quadro não muito detalhado, mas, mesmo assim, sugere as boas qualidades necessárias ao seu ofício (de Paulo), e ao governo missionário, lançando um quadro rico e cheio de nuances baseado na obediência e na fé, embora tal quadro já não fosse estranho à tradição grega, em Sócrates, sobretudo. Porém, o Deus que sonda o coração, ao qual se ensinava aos paulinos a “servir”, não era o *daimon* interior (voz interior) de Sócrates, que, na maioria das vezes, é invocado na memória e na razão da natureza. Não era o Eros platônico. O mais importante é que tais virtudes

⁹ Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 4, 2, in: BÍBLIA Sagrada de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1994.

¹⁰ Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 2, 7, in: BÍBLIA Sagrada de Jerusalém (1994).

visam a um novo “ajuste do corpo social”, numa série de qualidades potenciais para a perfeita política pretendida. Baseia-se na virtude teológica da caridade originária do amor. Deveria ser uma sociedade político-religiosa. Neste caso, as virtudes são cardeais, porque provocam estabilidade em quem delas se vale, mantendo o espírito na unidade do próximo (a Justiça), na verdade (a Prudência), na firme necessidade e na igualdade (a Temperança) e numa certa firmeza (a Fortaleza). Numa espécie de simbolismo maravilhoso, paradisíaco e unido à luz reveladora de Cristo, essas virtudes permitiriam combater os vícios originais, tais como a ignorância e a fraqueza, dentre outros. De qualquer forma, o simbolismo das quatro virtudes prossegue nos textos das Sagradas Escrituras.

A tradução artística, ao contrário, tenta provocar a imersão reveladora do espectador, acentua a própria precariedade da linguagem, as limitações humanas, a incompletude evidente da realidade e as prisões da própria linguagem tão indecifráveis como o próprio homem. Assim, no filme, a ação corruptora do tempo – o espectador tenta desvendar os sinais do passado na velha nova história – instaura origens perdidas, paradisíacas, inteligíveis, antepassadas. No mundo cristão do espectador, a história narrada evidencia uma experiência divina – um emblema histórico de dramas, redenção e salvação. Evidentemente, nesse jogo há ocultamentos intencionais, pois as cifras dos deuses e mitos não estão disponíveis. É preciso possuir as chaves para interpretar, ler, desvendar enigmas, ter passado por uma educação não tão massificada, numa perspectiva mais política do programa visual do cinema com imagens agentes, locais da memória – imagens civilizadoras. Santo Tomás indagava-se sobre as representações dos artistas: Pode o artista representar o que viu? Não com essas palavras, mas é possível ter imagens de pessoas reais? Ter imagens de seres inexistentes como as imagens virtuosas e viciosas? Claro que Santo Tomás fala da figuração e semelhança ao mundo natural. Metaforicamente, podemos dizer que estamos diante das imagens do cinema e da televisão.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Milton José. **Cinema: arte da memória**. Campinas SP: Autores Associados, 1999.

Bíblia. Sagrada de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1994.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

FABRIS, Rinaldo. **Paulo: Apóstolo dos Gentios**. São Paulo: Paulinas, 2001.

FICINO, Marcílio. Comentário do banquete de Platão. Tradução de N. Abagnano *apud* REALE, G. , ANTISERI, Dario. **História da Filosofia** . Vol. II. São Paulo: Paulus, 1990.

GIBBON, Edvard. **Declínio e Queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Kamiski, Marion. **Le Vite Dei Più Eccellenti Pinttori, Scultori e Architetti de Giorgio Vasari**. Milano: Electra, 2001.

PLATÃO, **Fedro, Atrelagem Alada**. In *Lês Mythes Platoniciens*, Paris: Éditiones du Seuil, 1992. Tradução Milton José de Almeida para o curso de pós-graduação da Faculdade de Educação/UNICAMP, primeiro semestre de 1999.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Xavier, Ismail. **O Discurso Cinematográfico: A Opacidade e a Transparência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea: Vidas de Santos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.